

APRESENTAÇÃO DOS GTS E DOS COORDENADORES - GT03 (ONLINE):
VOZES SUBALTERNIZADAS E INTERSECCIONALIDADE: POESIA QUEER,
QUILOMBOLA E INDÍGENA

**LITERATURA DE RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DOS POEMAS DE CACICA
JAQUELINE HAYWÃ**

Talita Yosioka Collacio (talitayc@gmail.com)

Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma breve análise dos poemas biográficos e autobiográficos presentes na obra “Poemas para Existir”, de Cacica Jaqueline Haywã (2025), na qual a Cacica-poetisa aborda não apenas sua trajetória de (re)descoberta como uma mulher indígena, como também as histórias de luta de seu povo, em uma estética que transparece suas vivências enquanto professora e ativista pelos direitos dos povos indígenas Pataxó Hã Hã Hãe, sobretudo daqueles que migraram para o ABC Paulista. Tal obra se insere no contexto literário brasileiro atual de valorização das culturas do Sul Global, que resistem e se contrapõem às práticas eurocêntricas de colonialidade (Quijano, 2002). De acordo com Candido, “toda obra é pessoal, única, insubstituível [...]. A literatura, porém, é coletiva” (2010, p. 147), caracterizando-se como a manifestação de um grupo social. Assim, em uma perspectiva decolonial, os povos tradicionais - sendo a Cacica Jaqueline uma de suas representantes - narram suas próprias experiências sem a mediação de um interlocutor silenciador e apartado da realidade vivenciada pelos povos indígenas. Ainda segundo Candido, “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do

mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza” (Candido, 2017, p. 186). Nesse sentido, em poemas como “Jaqueline Haywã”, “Cacica”, “Brennda (Magô)” e “Tânia (Ãgohó ãkirê Pataxó)” são permeados de memórias indígenas, das tentativas de apagamento das histórias desses povos, da luta pela terra, da rede de fortalecimento entre as mulheres e de sabedoria ancestral de um povo que resiste no mundo globalizado. Desse modo, escrever é ter o direito de registrar sua história e de seu povo, de ressignificar a história contada até então por sujeitos alheios a estes povos, mas também ter o direito de participar de uma prática cultural difundida no universo letrado, do qual muitos povos indígenas participam ativamente. Nossas conclusões preliminares estão em conformidade com Medeiros, para quem “a chamada “narrativa indígena”, (independentemente de estar em forma de prosa ou de poesia, ainda) é uma incógnita e parecer participar de vários gêneros sem se fixar necessariamente em um deles” (Medeiros apud Sá, 2012, p. 14). Logo, ainda é necessário visibilizar não apenas a literatura das mulheres indígenas, como também aprofundar os estudos sobre as formas de expressão dos povos tradicionais do Brasil, reconhecidos pelo Decreto nº 6.040, de fevereiro de 2007.

Palavras-chave: cacica jaqueline haywã pataxó hã hã hãe poesia indígena.